



PROPOSTA PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGO

Influência da Satisfação Conjugal na Qualidade da  
Relação Mãe-Bebé

Joana Silva, N° 18140

ORIENTADOR DE DISSERTAÇÃO:

Professor Doutor Emílio Salgueiro

Tese submetida com requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE em Psicologia

Especialidade em Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Emílio Salgueiro, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006, publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

## RESUMO

O presente artigo tem como objectivo perceber a influência da satisfação conjugal, em termos de satisfação, proximidade e apoio do cônjuge, na qualidade da relação mãe-bebé.

Participaram quatro grávidas, casadas ou a viver maritalmente, com idades compreendidas entre os 28 e os 33 anos. Utilizou-se a metodologia de estudo de caso e, a nível de instrumentos, recorreu-se à Entrevista Anamnésica Estruturada, à Escala de Relacionamento Conjugal (E.R.C.), ao Método de Observação de Bebés de Esther Bick e à Análise dos Conteúdos. A recolha de dados foi realizada em dois momentos: o primeiro contacto com as participantes foi feito nas aulas de preparação para o parto, no Centro de Saúde de Rio Maior, onde lhes foi feita uma entrevista prévia e aplicada a E.R.C. Num segundo momento, após o nascimento dos bebés, foram realizadas um total de 16 observações semanais em casa das participantes.

As participantes avaliaram o relacionamento conjugal de forma positiva embora com diferenças entre si. Ainda que não se tenha verificado uma correlação directa entre os valores de ligação pai-mãe e a relação mãe-bebé, os resultados mostraram que uma pontuação mais elevada numa E.R.C parece funcionar como protectora de determinados sintomas da relação mãe-bebé, a que não é de atribuir significado psicopatológico.

**Palavras-chave:** gravidez, relacionamento conjugal, relação mãe-bebé, método de observação de Esther Bick.

## ABSTRACT

The present article aims to understand the influence of the marital satisfaction, in terms of satisfaction, closeness and support of spouse, as the mother-infant relationship.

Participated four pregnant women, married or living marital, aged between 28 and 33 years. Using the methodology of case study and the level of instruments, we used the Anamnestic Structured Interview, the Conjugal Relationship Scale (E.R.C.), the Method of Observation of Babies of Esther Bick and Analysis of Contents. Data collection of facts was performed in two moments: the first contact with the participants was done in classes of preparation for the birth, in the Center of Health of Rio Maior, where they was made a prior interview and applied the E.R.C.. In a second moment, after the birth of the babies, they were carried a total of 16 weekly observations at participants home.

The participants evaluated the marital relationship in positive form although with differences among themselves. Even if it have not been verified a direct correlation between the values of link parent-mother and the relation mother-baby, the results showed that a higher score in E.R.C seems to work as a protector of certain symptoms of the mother-baby relationship, which is not to assign meaning psychopathologic.

**Keywords:** pregnancy, marital relationship, mother-baby relationship, method of observation of Esther Bick.

## INTRODUÇÃO

Os estados emocionais vividos pelas grávidas são determinantes para se delinear a futura interação com o bebê. Defendido por diversos autores, a estabilidade emocional materna vivida durante a gravidez tem resultados positivos no futuro, nomeadamente na auto-regulação do comportamento infantil da criança e numa melhor interação com os pais (Hernández-Martínez, Arija, Balaguer, Cavallé & Canals, 2008).

A vida imaginária e fantasmática da mãe durante a gravidez representa uma espécie de preparação para a subsequente ligação que irá estabelecer com o seu bebê (Sousa, 2004). Daí advém a importância da qualidade da relação na prestação dos cuidados materiais e psíquicos, dos quais resultará o desenvolvimento das reais competências emocionais e cognitivas de um bebê (Lourenço, 2005).

Existe uma evidência considerável no que se refere à experiência clínica e à investigação de que os acontecimentos e as percepções que ocorrem durante o período perinatal exercem uma forte influência, favorável ou desfavorável, nas relações entre os membros desta nova família (Montagner, 2005).

De acordo com Magagnin, Körbes, Hernandez, Cafruni, Rodrigues e Zarpelon (2003), a transição da vida conjugal para a paternidade requer um consenso diádico, bem como a satisfação marital por parte dos casais que sejam pais pela primeira vez.

Bouchard, Boudreau e Hébert (2006), sugerem ainda que casais que vivenciam gravidezes não planeadas experimentam um melhor relacionamento conjugal no período pós-natal comparativamente ao vivido aquando a própria gravidez, ao passo que casais que encaram gravidezes planeadas apresentam níveis funcionais inversos.

Segundo um estudo sobre a competência materna, que envolveu 58 mães casadas e 22 mães solteiras, observadas num período de seis a oito semanas após o parto, Copeland e Harbaugh (2004) concluíram que as mães solteiras manifestavam um menor grau de conforto no desempenho do papel materno em relação às mães casadas.

Hoje em dia sabe-se que as atitudes e a vivência da sociedade em relação à maternidade também mudara; primeiro a evolução do papel da mulher na sociedade e o seu desempenho profissional, problematizaram fortemente a função maternal; mais recentemente, a fragmentação da família nuclear, por um lado e a tendência à apropriação do papel maternal pelo homem, por outro, levam cada vez mais a uma sobreposição de papéis do homem e da

mulher, e cada vez menos, à sua complementaridade, complementaridade essa que parece essencial. Com efeito, cabe ao pai, um papel, não menos fundamental, de apoiar e proteger a díade e, introduzindo o sentido da realidade, abrir espaço ao que é novo e diferente (Gonçalves, 2004).

Deste modo surgiu a necessidade de estudar a influência da relação conjugal na conduta interactiva que se estabelece entre os pais e o bebé. Vários estudos teórico-clínicos e experimentais (Brazelton, 2000; Brazelton & Cramer, 2001; Brazelton & Greenspan, 2002) têm vindo a comprovar a importância fundamental de que o bebé seja alvo de uma interacção recíproca ou de uma estimulação precoce, facto que suscita um desenvolvimento progressivo de comportamentos interactivos e intencionais, fruto de relações estabelecidas com os próprios pais, bem como com figuras significativas, a fim do seu desenvolvimento psíquico se processar adequadamente. É através deste jogo interactivo comunicacional que o bebé favorece a expansão e a complexidade de novas experiências emocionais e de novas aprendizagens cognitivas (Stern, 2002).

Segundo estudos científicos, o pai afigura-se como mediador da relação mãe-filho, sendo ele o principal elo de introdução da distância, da diferença e da frustração mais penosa enquanto figura paternal real que dispute a atenção da mãe à criança. Este terceiro elemento poderá adoptar a forma das necessidades vitais da mãe, das obrigações sociais ou mesmo do seu amor por outros. Esta figura separa o bebé da mãe e corresponde, na nossa cultura, ao pai real (Santos, 1988/2002).

Hafsa Chbani e Manuel Pérez-Sanchez (1998), ao trabalharem com a técnica de Esther Bick, concluíram que a rêverie materna não existe sem a rêverie paterna e que a autonomia (ou rêverie) do bebé é estimulante para ambos os pais. Ao interjogo dinâmico dos três denominaram de *Unidade Originária*, conceito do qual se subentende que “o pai quando contempla o bebé, pressupõe e tem presente a mãe; quando a mãe contempla o bebé, pressupõe e tem presente o pai; e, por último, quando o bebé contempla um dos progenitores pressupõe e tem presente o outro” (Coelho Rosa, 2006). Desta forma o ritmo de vida do bebé desenvolve-se sobre a base da triangulação que oscila entre os ritmos do bebé e os ritmos diferentes dos pais (Sousa, 2004).

Neste contexto, segundo Brazelton e colaboradores (1989/2001, p. 27), a interacção de gestos emocionais impele os bebés na aprendizagem da tomada de consciência, induzindo-os a reagirem a estímulos emocionais e a formarem a noção do ‘eu’. Gerando o conceito de «mãe

suficientemente boa» (Bettelheim, 1988; Winnicott, 1955) e a possibilidade das mães se confrontarem de forma menos ansiosa com os sentimentos ambivalentes que por vezes possam ter em relação aos filhos.

Segundo Winnicott, a experiência de cuidados por parte da mãe permite ao bebé o desenvolvimento de um verdadeiro Self e não de um falso-Self. É nos primeiros meses de vida do bebé, e partindo do pressuposto de que este não sofre de qualquer perturbação neuropsicológica, que o projecto se irá processando com o devido apoio nas características do *holding* materno. Desta forma, a mãe prestadora de cuidados tem um papel importante na organização psíquica do bebé. Esta primeira pele-psíquica materna surge como um funcionamento que procura organizar os conteúdos internos do bebé, separando-se do exterior (Bick, 1962, 1964).

Enquanto o *handling* favorece a «personalização» (Winnicott, 1990), o movimento do Eu permite que o bebé se sinta uma pessoa: o Eu funda-se sobre um Eu-corporal. Somente quando o desenvolvimento inicial se revelou adequado é que o bebé começa a relacionar o corpo e as funções corporais, operando a pele como membrana limitadora. A instalação da relação objectal é favorecida pelo modo como a mãe oferece os objectos no momento em que o bebé experimenta a sua necessidade, de forma que esta os crie experimentando brevemente a onnipotência, a qual encoraja o desenvolvimento de confiança e o sentimento de que o mundo e ela própria são reais.

Relvas, Alarcão e Sá (1997) afirmam que é inquestionável a importância da qualidade da relação precoce no desenvolvimento da criança, existindo nela uma dimensão recíproca e complementar, designada por Bion de capacidade de rêverie. O comportamento de sorriso e de vocalização do bebé têm como finalidade favorecer a proximidade, uma vez que são comportamentos de sinalização que informam a mãe do desejo de interacção do filho (Bowlby, 1958/1976).

Desde o nascimento que o bebé dispõe de um repertório de comportamentos de vinculação para chamar ou manter a mãe perto de si que Bowlby e Ainsworth denominaram por “ligações afectivas” Ainsworth (1989). Vários estudos defendem que a qualidade de relação de vinculação estabelecida com as figuras parentais tem implicações na forma como o indivíduo conceptualiza e raciocina sobre o mundo social ao longo de toda a sua vida (Veríssimo, Monteiro, Vaughn & Santos, 2003; Veríssimo, Monteiro & Santos, 2006).

Bowlby (1969/2002) desenvolve o conceito de vinculação na sua obra “Apego”, sendo que o mesmo resulta inicialmente, da activação de um conjunto de sistemas comportamentais com um carácter instintivo que conduzem ao estabelecimento de uma relação privilegiada de um bebé, com a figura cuidadora.

A pele assume importância especial como forma de comunicação entre a mãe e o bebé, proporcionando um ambiente facilitador, sobre o qual se vão formar os processos de identificação primária do self (Pines, 1980). Sander (2000), usou o termo “negociação mãe-bebé”, para se referir à flexibilidade das interacções, implica adaptações mútuas da mãe ao bebé mas também do bebé à mãe.

Contudo a interacção mãe-bebé pode ser afectada por diversas circunstâncias e algumas vivências da própria gravidez podem influenciar o seu desenvolvimento. Os cuidados maternos podem ser desprovidos do seu carácter de adequação ao pedido «biológico» do bebé, cujo objectivo principal era «a realização do desejo materno», sendo que quando esta inadequação é maior, a criança corre o perigo de se instalarem desarmonias precoces (Boubli, 2001). Baseada na sua experiência clínica a autora Maria José Gonçalves (2004), constata que o período pós-parto será caracterizado por uma “patologia normal” das interacções.

## MÉTODOS

### *Participantes*

Participaram neste estudo 4 grávidas, contactadas no Centro de Saúde de Rio Maior, onde frequentavam aulas de preparação para o parto. Tratou-se de uma amostra de conveniência em que as quatro díades foram escolhidas de acordo com o estudo.

A observação diz respeito a mães, cujo critério de selecção obedece às seguintes condições: o facto de todas terem de ser casadas ou viver maritalmente. O segundo critério de selecção foi o de estarem no terceiro trimestre de gravidez, de modo a que não existisse um intervalo muito grande entre a primeira e segunda fase do estudo. Com idades compreendidas entre 28 – 33 anos e residentes em Rio Maior, oriundas de um extracto social e económico médio.

## *Delineamento*

Estudo descritivo e não experimental (não se prende com a manipulação de variáveis). Considerado como a metodologia nobre da clínica psicológica, utilizou-se o método de estudo de caso, através da análise de conteúdo. Visou o estudo de uma problemática específica, psicológica ou situacional, do qual a pessoa é apenas amostra (Leal, 2004).

## *Instrumentos*

Num primeiro momento foi realizada uma entrevista anamnésica, que incluía um número de perguntas definidas e de natureza directa.

Para avaliar a satisfação conjugal utilizou-se a Escala de Relacionamento Conjugal (E.R.C.), sendo traduzida e baseada e adaptada pela psicóloga clínica Lília Tavares em 1990 a partir da *Dyadic Adjustment Scale (D.A.S.)*, construída por Spanier em 1976. É um instrumento que pretende avaliar a qualidade do relacionamento marital, em termos de proximidade a um bom ou deficiente relacionamento, avaliando a partir de quatro sub-escalas: satisfação diádica, coesão diádica, consenso diádico e expressão afectiva.

A *E.R.C* é composta por 32 itens, pontuada de 0-1; 0-4; 0-5; 0-6, em que a pontuação total varia entre 0 e 151; assim, consideramos que quanto mais alta for o valor obtido pelo sujeito, melhor será o relacionamento conjugal. Indicadores de um relacionamento conjugal com falta de qualidade serão dados por valores abaixo de 50%.

Outro dos instrumentos utilizado foi o Método de Observação de Esther Bick (1964), permitindo a observação directa da relação mãe-bebé. Em termos da técnica, desenrola-se durante o período de dois anos, através de uma visita semanal ao meio habitual do bebé, durante cerca de uma hora de observação, de preferência sempre no mesmo dia da semana à mesma hora, e num horário pré-estabelecido. A atitude do observador tem de ser neutra.

A tabela de análise de conteúdo, utilizada para avaliação das observações da interacção mãe-bebé, seguindo o método de Esher Bick foi elaborada no âmbito da cadeira de seminário de monografia de 2003/2004, orientada pela Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Rocha. A elaboração da mesma foi fundamentada numa selecção de itens com base na Escala de interacção alimentar (IRSal); Grelha de interacção Mãe-Bebé de Beckwith et al. (1976); Grelha de observação da interacção mãe-bebé em situação de interacção livre, GOISIL (1992) e na Grelha de interacção de Lebovici/Bobigny (1983).

### *Procedimento*

Após a permissão para a recolha de dados, juntamente com a enfermeira foram seleccionadas as grávidas, que estavam mais perto do final da gestação.

### *Fase Pré-natal*

Foi explicado às grávidas presentes a pertinência do estudo e solicitada a sua colaboração em dois momentos distintos: ainda aqui responderiam a uma Entrevista Anamnésica e ser-lhes-ia aplicada a Escala de Relacionamento Conjugal, e num segundo momento após o nascimento dos bebés seriam realizadas quatro observações da interacção mãe-bebé, em casa das participantes. Depois de quatro grávidas acederem a participar na investigação e terem respondido aos instrumentos, foi-lhes dito que seriam contactadas duas a três semanas após a data prevista do parto. Como os cônjuges não estavam presentes, foi dado a cada grávida, um envelope com o instrumento que depois de devidamente preenchido seria entregue à enfermeira.

### *Fase Pós-natal*

Ocorrido o nascimento dos bebés, foi efectuado contacto com as participantes, com o objectivo de combinar a data da primeira observação. A etapa seguinte para quatro mães e os seus bebés consistiu em quatro observações.

Os registos detalhados das actividades dos bebés, foram transcritos após cada observação e submetidas a uma análise de conteúdo.

## **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### *Escala de Relacionamento Conjugal (E.R.C.)*

<b>Casos</b>	<b>Pontuação <math>0 \geq - \leq 151</math></b>	<b>Percentagem 0-100%</b>
<b>Caso A (Marta)</b>	135 Pontos	89.4%
<b>Caso B (Rute)</b>	144 Pontos	95.4%
<b>Caso C (Sandra S.)</b>	108 Pontos	71.5%
<b>Caso D (Sandra C.)</b>	122 Pontos	80.8%
<b>Média =</b>	<b>127.3 Pontos</b>	<b>84.3%</b>

Relativamente aos resultados obtidos na E.R.C., verificou-se que a percentagem total média é de 84.3%. Tendo em conta uma escala percentual de 0 a 100, aos 100% correspondem os 151 pontos (máximo pontuação que se pode obter). Assim, para 127.3 pontos (média da pontuação dos quatro casos em estudo) corresponde uma percentagem igual a 84.3%. Segundo indicadores, um relacionamento conjugal com falta de qualidade será dado por valores abaixo de 50%, o que significa que o valor 84.3% reflecte a existência de um bom relacionamento conjugal nestes 4 casais, embora se verifiquem diferenças individuais ao nível da pontuação entre os casais.

### *Observação da Interação Mãe-Bebé*

#### **Caso A**

Ao longo das quatro observações verifica-se que o comportamento do bebé é frequentemente passivo. O Xavier toca e olha muito pouco para a mãe, apesar de parecer interessado em conhecer o exterior que o rodeia.

Os comportamentos revelam-se mais significativos na primeira e quarta observação, durante as quais o bebé emite vocalizações e realiza movimentos. Segundo Bowlby (1958/1976) a finalidade das vocalizações, é favorecer a proximidade, uma vez que, sinalizam e informam a mãe do desejo de interacção do filho. A interacção durante a amamentação, decorre de forma harmoniosa, visto que o diálogo tónico presente nesta díade é ajustado, sendo o handling e o holding (Winnicott, 1990) bem conseguidos.

No entanto, é visível que esta mãe ainda está muito envolvida nas questões ligadas ao peso, a ponto de passarem a constituir a formação ansiogénica predominante, talvez devido ao facto de ser mãe primípara. Manifesta igualmente, temores relativos à saúde ou à morte do filho, daí pensar-se que existe, nesta mãe, uma angústia de morte, que interfere, naturalmente, com a estruturação dos esquemas de investimento materno (Boubli, 2001). O estado de alerta desta mãe, encontra a sua razão neste funcionamento particular e próprio da maternalidade e transparece na relação mãe-bebé estabelecida nos primeiros tempos de vida, que apontam para a actualização na díade de angústias precoces ligadas a fantasias de destruição que infiltram a representação da relação primária e cujo protótipo são as suas próprias vivências precoces. Contudo, indicam também a presença de mecanismos de reparação da relação que essas fantasias põem em marcha. A mãe parece gerir bem esta ansiedade, pois não influencia na

maneira como interage com o bebé, sendo contentora. É de salientar que esta mãe classificou a sua relação conjugal de forma bastante positiva.

Funciona como ego auxiliar para o filho pois satisfaz as necessidades funcionais, (alimentação, higiene) e emocionais. Parece existir nesta mãe uma adaptação sensível às necessidades do bebé e a qualidade da interacção pode indicar que esta mãe é suficientemente boa (Bettelheim, 1988; Winnicott, 1955).

### ***Caso B***

A Neuza é uma bebé activa, que se movimenta com frequência e interessada em estímulos familiares. Segundo Brazelton et al. (2000, 2001, 2002), a atenção visual sustida observada na bebé, leva a constatar, que esta parece seleccionar acontecimentos, de acordo com os seus estados de consciência e da adequação destes mesmos estados na sua relação com os objectos cuidadores.

A mãe expande o mundo da bebé ao introduzir outras pessoas na relação (Santos, 1989/2002), o que é igualmente feito pela presença do pai da Neuza numa observação. O que denota a existência de uma Unidade Originária (Chbani et al., 1998) bem consolidada, já que existem três forças que intervêm na interacção (Sousa, 2004).

Observa-se no pai a capacidade de pensar os factos angustiantes e também ajudar a sua mulher o que vai de encontro ao que é defendido por Chbani et al. (1998) que a rêverie materna não existe sem a rêverie paterna.

O comportamento interactivo durante a amamentação demonstra que o diálogo tónico presente nesta díade é apropriado, o que vai de encontro ao que é defendido por Brazelton et al. (1989/2001), em que a interacção de gestos emocionais ajuda os bebés a aprender a tomar consciência e a reagir a estímulos emocionais, e a formar a noção do 'eu'.

Parece existir uma adaptação sensível às necessidades da bebé e a qualidade da interacção parece indicar que esta mãe é suficientemente boa (Bettelheim, 1988; Winnicott, 1955). Consegue funcionar como ego auxiliar, ajudando a bebé a desenvolver as suas capacidades, tocando-a afectuosamente e cuidando dela de forma adequada (handling).

Através dos aspectos acima referidos, pode-se considerar que o ambiente de holding existente é adequado, e como tal, favorável ao desenvolvimento e autonomia da bebé (Winnicott, 1990).

Inicialmente a mãe ainda não consegue estabelecer uma verdadeira comunicação com a bebé, prendendo-se essencialmente aos conteúdos funcionais, o que parece dever-se ao caso de ser uma mãe primípara, uma vez que a pontuação obtida na Escala de Relacionamento Conjugal indicou um relacionamento de alta qualidade.

### *Caso C*

Quando se analisa o comportamento da bebé, verifica-se que esta é reactiva, mostra-se interessada na observadora procurando captar-lhe a atenção através do olhar. Outros aspectos presentes no olhar desta bebé prendem-se com a labilidade da atenção, com o interesse pelos estímulos, com a exploração visual activa do envolvimento, quando a mãe interage com ela através de verbalizações.

O contacto pele a pele apenas é efectuado durante a amamentação (a biberão), ou quando muda a fralda à bebé. Sendo que os restantes momentos de interacção como, os jogos ou brincadeiras não há contacto corporal. De acordo com Pines (1980), esta forma da mãe actuar, não proporciona a esta bebé um ambiente facilitador, sobre o qual se vão formar os processos de identificação primária do self.

Esta mãe parece não se sentir capaz de exercer as suas funções maternas, pelo seu discurso muito paradoxal. A mãe parece que se encontra mentalmente indisponível para a bebé, queixando-se frequentemente de um cansaço psicológico. Esta inquietação traduz-se por comportamentos considerados inadequados e/ou verbalizações inesperadas, chegando inclusive a recorrer à observadora para pensar os factos angustiantes para ela.

A mãe introduz outras pessoas na relação, contribuindo assim, para difundir o mundo fechado em que está com o seu bebé (Santos, 1988/2002).

No geral, o handling e o holding (Winnicott, 1990) são conseguidos. Parece haver uma adaptação sensível às necessidades da bebé e a qualidade da interacção parece indicar que esta mãe é suficientemente boa (Bettelheim, 1988; Winnicott, 1955).

Verifica-se a falta de segurança e um período de vulnerabilidade no funcionamento psicológico desta mãe, assim como flutuações para exercer as suas funções maternas, apesar de ser mãe múltipara. Um indicador da interacção da díade ser menos adequada, pode dever-se ao facto de esta mãe ter classificado o seu relacionamento conjugal de forma menos positiva, comparativamente com as outras grávidas.

### *Caso D*

O Dinis é um bebé muito activo, interessado em estímulos e na exploração visual activa do envolvimento. Quando a mãe comunica ou estabelece jogos, o bebé vocaliza em resposta às acções da mãe.

A mãe comunica bastante com o filho e os comentários que faz correspondem frequentemente a interpretações dos estados do bebé. Por vezes, os comentários são feitos sob a forma de pergunta, o que segundo Relvas et al. (1997), pode significar que a mãe transforma o seu monólogo num diálogo imaginário e espera as respostas imaginárias do seu bebé.

A interacção mãe-bebé é, assim enriquecida: o olhar mútuo é frequente e o contacto pele e pele é uma constante, quer durante a situação alimentar, quer durante as restantes interacções, proporcionando um ambiente facilitador, sobre o qual se vão formar os processos de identificação primária do self (Pines, 1980).

A par do ajustamento postural de parte a parte, há uma grande expressividade nesta mãe ao utilizar um diálogo tónico ajustado, já que existem comportamentos interactivos (Brazelton et al., 2000, 2001, 2002), como sejam as demonstrações de afecto, o olhar e o sorriso da mãe, o contacto da mão do bebé com o seio, as trocas de olhar.

O handling (Winnicott, 1990) é bem conseguido pela mãe durante a situação alimentar, da qual ambos parecem retirar muito prazer, mostrando-se envolvidos. O holding (Winnicott, 1990) é igualmente suficientemente bom, demonstra movimento maternal de ternura na forma como toca o bebé e preocupação na prestação de cuidados.

Todos estes factores confirmam a existência de uma boa capacidade de rêverie, uma vez que esta possui a capacidade de pensar o seu bebé com amor, de lhe prestar atenção e de o compreender (Bion, 1962/1991a).

O exterior é introduzido pela mãe, através de comportamentos tácteis (sobretudo de afecto) e de referências verbais a terceiros, como o irmão, pai, tia do bebé e observadora.

Observa-se um comportamento sem nada a assinalar na relação do bebé-mãe e mãe-bebé, que favorece todas as experiências interaccionais. Este facto parece estar relacionado com o facto de ser mãe múltipara e ter obtido uma pontuação positiva na avaliação do relacionamento conjugal.

## CONCLUSÃO

Partiu-se da premissa base de que a interacção mãe-bebé é afectada por diversas circunstâncias e que algumas vivências da própria gravidez podem influenciar o seu desenvolvimento. Para este estudo a circunstância pré-natal seleccionada foi a percepção e avaliação do relacionamento conjugal entre a grávida e o seu marido/companheiro.

De acordo com a teoria defendida pelos autores Copeland e Harbaugh em 2004 tentou verificar-se se seria verdade que o facto de uma mulher grávida beneficiar em termos de satisfação, proximidade e apoio do cônjuge, estaria relacionada com a qualidade da relação que estabeleceria com o seu bebé. As quatro mulheres avaliaram o seu relacionamento conjugal de forma positiva, com excepção para uma das mulheres que avaliou o seu relacionamento de forma menos positiva. Contudo tendo em conta o instrumento utilizado a pontuação obtida encontra-se dentro dos parâmetros considerados normais para um relacionamento conjugal positivo. Seria de esperar que todas estabelecessem interacções de qualidade com os filhos, tendo em conta o problema subjacente ao estudo (nível da qualidade da relação e dos cuidados prestados ao bebé no pós-parto).

Realce-se a existência de alguns factores de perturbação em três díades. Constatou-se na mãe do Caso A uma inquietação materna em relação às questões de saúde do filho; no Caso B uma comunicação assente em conteúdos funcionais; e no Caso C um funcionamento psicológico vulnerável no exercício das suas funções maternas.

No que concerne ao Caso D observou-se um comportamento sem nada a realçar na relação mãe-bebé.

Embora não se tenha verificado uma correlação directa entre os valores de ligação pai-mãe e a relação mãe-bebé, a apreciação genérica constatada com base nos indicadores é positiva. É de salientar que uma pontuação mais elevada numa E.R.C. parece funcionar como protectora de determinados sintomas da relação mãe-bebé, sem que isso seja sinónimo de uma interacção sem perturbações. A maternidade implica processos psicológicos no limiar do psicopatológico, podendo defender-se o direito das mães a “uma certa anormalidade” e reconhecer a fragilidade de todo o processo (McDougall, 1978, cit. por Gonçalves, 2004).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis*, 45 (4), 558-566.
- Bettelheim, B. (1988). *A good enough parent: a book on child-rearing*. New York: Vintage Books.
- Bouchard, G., Boudreau, J., & Hébert, R. (2006, November). Transition to Parenthood and Conjugal Life: Comparisons between Planned and Unplanned Pregnancies. *Journal of Family Issues*, 27 (11), 1512-1531. Retrieved February 25, 2009 from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=psyh&AN=2006-20570-002&site=ehost-live&scope=site>
- Boubli, M. (2001). *Psicopatologia da criança*. Lisboa: Climepsi.
- Bowlby, J. (1958/1976). A natureza da ligação da criança com a mãe. In L. Soczka (Ed.), *As ligações infantis*. Lisboa: Bertrand.
- Bowlby, J. (2002). *APEGO. A Natureza do Vínculo*. Martins Fontes: S. Paulo. [obra original publicada em 1969].
- Brazelton, T. B. (2000). *Dar atenção à criança: Para compreender os problemas normais do crescimento*. Lisboa: Terramar. (Obra original publicada em inglês 1984)
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (2001) *A relação mais precoce: Os pais, os bebés e a interacção precoce*. Lisboa: Terramar. (Obra original publicada em inglês 1989)
- Brazelton, T. B., & Greenspan, S. I. (2002). *A criança e o seu mundo: Requisitos essenciais para o crescimento e a aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença.

- Chbani, H., & Péres-Sánchez, M. (1998). *O quotidiano e o inconsciente – O que se observa torna-se mente*. Lisboa: Climepsi: Editores.
- Coelho Rosa, J. C. (2006). “A Separação: Pressuposto Fundamental da Unidade Originária”. In *Caderno do Bebê*. (p. 115-118). Lisboa: Fim de Século.
- Copeland, D. B., & Harbaugh, B. L. (2004). Transition of maternal competency of married and single mothers in early parenthood. *Journal of Perinatal Education*, 13 (4), 3-9. Retrieved January 12, 2006 from <http://www.ingentaconnect.com/content/lamaze/jpe>
- Gonçalves, M. J. (2004). A propósito da maternidade: da ambivalência à empatia. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 18, 33-45.
- Hernández-Martínez, C., Arija, V., Balaguer, A., Cavallé, P. & Canals, J. (2008, November). Do the emotional states of pregnant women affect neonatal behaviour. *Early Human Development*, 84 (11), 745-750. Retrieved February 12, 2009 from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=35124057&site=ehost-live&scope=site>
- Lourenço, L. (2005). *O bebê no divã*. Coimbra: Almedina.
- Mc,Dougall, J. (1978). *Plaidoyer pour une certaine anormalité*. Paris: Gallimard.
- Magagnin, C., Körbes, J. M., Hernandez, J. A., Cafruni, S., Rodrigues, M. T. & Zarpelon, M. (Jan-Dec, 2003). From Conjugality to Parenthood: Pregnancy, Adjustment and Marital Satisfaction. *Aletheia*, 17-18, 41-52. Retrieved February 25, 2009 from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=psych&AN=2004-19864-004&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site>
- Montagner, H. (2005). A ontogenia das interações do bebê durante o primeiro ano de vida. In J. G. Pedro, J. K. Nugent, J. G. Young, T. B. Brazelton (Eds.), *A criança e a família no século XXI* (1ª ed., pp. 165-203). Lisboa: Dinalivro.

- Pines, D. (1980). Skin communication: Early skin disorders and their effects on transference and countertransference. *International Journal of Psychoanalysis*, 61, 316-323.
- Relvas, A. P., Alarcão, M., & Sá, E. (1997). A complementaridade das competências mãe-bebé. In E. Sá (org.), *A maternidade e o bebé* (pp. 11-20). Lisboa: Fim de Século Edições.
- Sander, L. (2000). Where are we going the field of infant mental health? *Infant Mental Health Journal*, 21, 5-20.
- Santos, J. (1988/2002). *A Casa da Praia – O psicanalista na escola* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, S. (2004). *Estilos de comunicação pais-bebé*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. In *Journal of Marriage and the Family*, 38, 15-28.
- Stern, D. (2002, Outubro). *The emotional needs of children*. Comunicação apresentada no Encontro Internacional “Mais criança”, Lisboa.
- Tavares, L. (1990). Depressão e relacionamento conjugal durante a gravidez e pós-parto. *Análise Psicológica*, 4 (8), 389-398.
- Winnicott, D. (1955). Metapsychological and clinical aspects of regression within the psychoanalytical set-up. *International Journal Of Psycho-analysis*, 36, (1), 16-26.
- Winnicott, D. (1990). *O ambiente e os processos de maturação* (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. & Santos, A. (2003). “Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo”. In *Análise Psicológica*, 21 (4), 419-430.

Veríssimo, M., Monteiro, L. & Santos, A. (2006). “Para Além da Mãe: a Vinculação na Tríade Mãe-Pai-Criança”. In *Caderno do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.